



Acta Scientiarum. Language and Culture
ISSN: 1983-4675
ISSN: 1983-4683
actalan@uem.br
Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Da atualidade de Os bruzundangas (e a escola moderna)

Florêncio, Roberto Remígio; Santos, Carlos Alberto Batista dos; Leite, Vlader Nobre

Da atualidade de Os bruzundangas (e a escola moderna)

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 42, núm. 2, e51644, 2020

Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307466046003>

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v42i2.51644>



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional.

Da atualidade de Os bruzundangas (e a escola moderna)

About the contemporaneity of Os bruzundangas (and the modern school)

Roberto Remígio Florêncio

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do

Sertão Pernambucano, Brasil

roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v42i2.51644>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307466046003>

Carlos Alberto Batista dos Santos

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Vlader Nobre Leite

Universidade de Pernambuco, Brasil

Recepción: 28 Diciembre 2019

Aprobación: 29 Mayo 2020

RESUMO:

Ao se observar alguns aspectos socioculturais do Brasil contemporâneo, percebe-se uma perturbadora semelhança com o país fictício da obra de Lima Barreto de um século atrás. O presente manuscrito busca empreender uma análise crítica sobre aspectos educacionais, relacionando ao período da atual situação sócio-político-econômica a que os brasileiros estão subjugados neste início de século, assim como os bruzundangas, no início do século passado. Barreto expõe mazelas sociais e éticas de uma sociedade que, ao olhar mais aprofundado, pouco se modificou. Para chegar a estas conclusões, foram utilizadas teorias de estudiosos contemporâneos voltadas à educação, como Toffler (1970, 1980), Morin (2003) e Bauman (2000, 2010), baseando-se nas análises de Maingueneau (2010). Ao se promover a reflexão crítica do período atual, tomou-se por base os noticiários e a vivência dos fatos em dispositivos de mídia. Ao se estabelecer esta proposta, busca-se evidenciar traumatismos socioculturais cruciais para se compreender a sociedade atual e o sistema educacional brasileiro. As considerações finais apresentam incompletudes e diagnósticos não conclusivos de um país complexo, continental, multicultural e racista, que pouco ou nada se modificou em relação à postura ética da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, educação, ética, sociedade brasileira.

ABSTRACT:

Looking at some sociocultural aspects of contemporary Brazil, one can see a disturbing resemblance to the fictional country of Lima Barreto's work a century ago. This manuscript seeks to undertake a critical analysis of educational aspects, relating to the period of the current socio-political-economic situation to which Brazilians are subjected at the beginning of this century, as well as the Bruzundangas, at the beginning of the last century. Barreto exposes social and ethical ills of a society that, on closer examination, has little changed. To reach these conclusions, theories of contemporary education-oriented scholars such as Toffler (1970, 1980), Morin (2003) and Bauman (2000, 2010) were used, based on the analyzes of Maingueneau (2010). By promoting the critical reflection of the current period, the news was based on the experience of the facts in media devices. In establishing this proposal, we seek to highlight sociocultural trauma crucial to understand the current society and the Brazilian educational system. The final considerations present incompleteness and inconclusive diagnoses of a complex, continental, multicultural and racist country, which has changed little or nothing in relation to the ethical posture of society.

KEYWORDS: literature, education, ethic, brazilian society.

NOTAS DE AUTOR

roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

INTRODUÇÃO

Em sua obra *Os Bruzundangas*^[1], Lima Barreto^[2] apresenta as mazelas de um país fictício, em que problemas e crimes como nepotismo, corrupção, racismo e exploração (dos bens naturais ou de outros seres humanos) são práticas comuns em uma sociedade sem ética, embebida na mediocridade e no conformismo, que em nada contribui para o desenvolvimento de sua terra. Não que essa temática tenha sido novidade na Literatura Brasileira ou nas Artes Plásticas, mas, levando em consideração que o referido romance foi escrito em 1917, por um escritor mestiço, favelado e de família inexpressiva para a sociedade da época, é possível compreender porque o lançamento póstumo da obra possa ter acontecido no mesmo ano da Semana de Arte Moderna e do centenário da Independência do Brasil em relação à dominação da Coroa Portuguesa – 1922. Havia um espírito de ruptura pairando nos ares do Brasil, ainda que tenhamos que admitir que a Semana de Arte Moderna foi um movimento de corpo e alma elitistas. Segundo Viana e Florêncio (2017), é notório que Lima Barreto teve sua obra de fato reconhecida somente após quase 30 anos de sua morte^[3].

Com este romance, Barreto apresenta uma narrativa satírica por excelência, de analogia ‘quase’ explícita, segundo Bosi (1994). De acordo com o autor, “[...] valendo-se do feliz expediente de Montesquieu, nas Cartas Persas, imaginou um visitante estrangeiro a descrever a terra de Bruzundanga, nada mais nada menos que o Brasil do começo do século” (Bosi, 1994, p. 323). É indelével o forte empenho ideológico da obra, mas o autor consegue transcender as próprias frustrações e se encaminhar para uma crítica objetiva das estruturas que definiam a sociedade brasileira do tempo (Bosi, 1994). É sobre o Brasil, sim, e isto fica evidenciado em toda a história contada, mas o narrador não aparece revoltado pelo preconceito sofrido por negros, suburbanos, pobres, doentes e discriminados, do qual o autor foi vítima (Florêncio & Santos, 2020). Trata-se de um retrato mais elaborado, pouco sutil, mas mais psicológico do que injuntivo nas questões de se fazer entender como povo, como constructo social e/ou como formação étnica, como o fizeram os antropólogos Gilberto Freyre (1900-1987), de forma sócio-histórica, e Darcy Ribeiro (1922-1997), em contundente relato neonaturalista.

Usando a obra como ponto de partida para as análises que seguem, podemos refletir sobre inquietações apresentadas por Barreto há cem anos, e que se tornam cada vez mais atuais e dinâmicas nos dias de hoje: A quem interessa a manutenção do nosso país na atual posição socioeconômica? Quem se orgulha com esse pódio de campeão do Terceiro Mundo^[4]? Que perspectivas mantêm o povo brasileiro movido a esperanças? E, como usamos a temática da Educação como perspectiva norteadora das análises, questionamos a maior inquietação do presente estudo: A partir dos estudos sobre a História da Educação, qual o papel da educação pública na manutenção das estruturas vigentes?

À guisa de prefácio, Barreto (1922-1998, p. 12) diz: “Na Arte de furtar, que ultimamente tanto barulho causou entre os eruditos, há um capítulo, o quarto, que tem como ementa esta singular afirmação: “Como os maiores ladrões são os que têm por ofício livrar#nos de outros ladrões”.

Assim, Barreto inicia sua obra deixando claro, para uma crítica desacostumada, o seu estilo direto, objetivo e popular de escrita, o que lhe rendeu o ostracismo e a pobreza em vida. “Filho da periferia, mulato e de família pobre, o autor esteve internado diversas vezes por questões de alcoolismo e depressão, facilmente confundidas com esquizofrenia e loucura” (Florêncio & Santos, 2020, s/p).

DO ROMANCE DE FICÇÃO À INDIGNA NAÇÃO

A primeira edição de *Os Bruzundangas* só saiu quando o seu autor já não podia responder às críticas ou ameaças dos muitos incomodados com sua mordaz analogia. Barreto morreu em novembro e o lançamento aconteceu em dezembro de 1922, atrasado por problemas financeiros da editora. No livro, o escritor escracha vícios da República Velha (1889-1930), e que infelizmente continuam atuais na Nova República, iniciada

após a Ditadura Militar. O livro é narrado por um visitante ‘brasileiro’ nas terras bruzundanguenses, que divide sua percepção em capítulos temáticos bem explicativos, como ‘Um grande financeiro’, ‘O ensino na Bruzundanga’, ‘A sociedade’ etc. Em tom satírico, Lima desanca a oligarquia de ‘doutores’ que dominava a política, ‘pobres e ricos corriam’ em busca dos títulos de advogado, médico e engenheiro, o que lhes assegurava ‘certos privilégios e regalias’.

[...] como os senhores verão no correr destas notas, não há na maioria daquela gente uma profundidade de sentimento que a impila a ir ao âmago das cousas que fingem amar, de decifrá-las pelo amor sincero em que as têm, de querê-las totalmente, de absorvê-las. Só querem a aparência das cousas (Barreto, 1922-1998, p. 12).

As palavras de Barreto (1922-1998, p. 28) são cruciais para se entender a decrepitude ética de todas as classes da população, em especial, a dos políticos: “[...] a primeira coisa que um político de lá (de Bruzundanga) pensa, quando se guinda às altas posições, é supor que é de carne e sangue diferentes do resto da população”.

O livro inteiro é um grande diário de viagem de um brasileiro que morou tempos na Bruzundanga, conheceu sua literatura, a escola samoieda (falsa, monótona e afastada da cultura, com autores fúteis e aconchavados com a classe dominante); sua economia confusa que exaure a riqueza do país, sendo dominada pelos cafeeiros da província de Kaphet. Mostra também a obsessão por títulos de nobreza e de doutor, mesmo quando seus possuidores não são nobres e são pouco letrados. Faz contundente crítica à Constituição, baseada na de um país visitado por Gulliver – tem uma lei que diz que se a lei não for conveniente à situação, ela não é válida –, à política (os presidentes, chamados Mandachuvras, assim como os ministros, os heróis e os deputados, são estúpidos e vazios), ao processo democrático (tão corrupto quanto era na República Velha), à ciência, à cultura, ao exército e à política internacional.

O povo também não poderia ser poupado da análise mordaz de Barreto. O autor não perde a verve irônica ao abordar o ‘patriotismo’ na expressão: “O ideal de todo e qualquer natural da Bruzundanga é viver fora do país” (Barreto, 1922-1998, p. 25). E continua

Convém notar que, quando digo que a ânsia geral é viver fora do país, excetuo os ativos, aqueles que sugam dos ministérios subvenções, propinas, percentagens e obtêm concessões, privilégios, etc. Estes demoram-se pouco fora dele e, seja governo o partido radical, seja governo o partido conservador, esteja o erário cheio, esteja ele vazio, sabem sempre obter fartos e abundantes recursos monetários de um modo que só eles têm o segredo. Estes senhores gostam muito da Bruzundanga e são ferozes patriotas (Barreto, 1922-1998, p. 29).

Ainda sobre o instinto patriótico dos bruzundangas, Barreto (1922-1998, p. 36) diz:

A República da Bruzundanga, como toda a pátria que se preza, tem também os seus heróis e as suas heroínas. Não era possível deixar de ser assim, tanto mais que a prática sempre foi feita para os heróis, e estes, sinceros ou não, cobrem e desculpam o que ela tem de sindicato declarado. Um país como a Bruzundanga precisa ter os seus heróis e as suas heroínas para justificar aos olhos do seu povo a existência fácil e opulenta das facções que a têm dirigido. O mais curioso herói da pátria bruzungandense é sem dúvida uma senhora que nada fez por ela, antes perturbou-lhe a vida, auxiliando um aventureiro estrangeiro que se meteu nas suas guerras civis.

Segundo Florêncio e Santos (2020), ao produzir essa narrativa ficcional, desde o título, Barreto apresenta a destruição da ética e forte indícios da impossibilidade de um verdadeiro desenvolvimento brasileiro, digo, bruzundanguense, seja econômico ou socialmente.

O racismo e o preconceito nos paralisam, impedindo de nos percebermos enquanto múltiplos. Gastamos longos séculos em busca de uma identidade nacional, impossível graças à miscigenação e ao sincretismo. Por isso, aceitamos a estereotipia do carioca, malandro, sambista e futebolista (Florêncio & Santos, 2020, s/p).

Exatamente o que enxergamos hoje era visto por Barreto há cem anos: opressão das classes trabalhadoras, preconceito sobre minorias históricas e a manutenção do poder da elite.

A terra que vive na pobreza; os latifúndios abandonados e indivisos; a população rural, que é a base de todas as nações, oprimida por chefões políticos, inúteis, incapazes de dirigir a coisa mas fácil desta vida. Vive sugada; esfomeada, maltrapilha, macilenta, amarela, para que, na sua capital, algumas centenas de parvos, com títulos altissonantes disso ou daquilo, gozem vencimentos, subsídios, duplicados e triplicados, afora rendimentos que vêm de outra e qualquer origem, empregando um grande palavreado de quem vai fazer milagres (Barreto, 1922-1998, p. 56).

Visto assim, a escola pública, gratuita e de qualidade, conquista ainda não plena do povo brasileiro, reproduz em seu sistema nacional, por meio de um currículo descontextualizado e preso às engrenagens de manutenção das oligarquias, o fracasso escolar como vela impulsionadora desse navegar sem rumo. E, mais uma vez, o sistema educacional se posiciona atrasado ou deliberadamente à margem desse processo de fissuras paradigmáticas, aprisionado às colonizações impostas ao longo da história: portugueses ‘descobridores’, nos séculos XVI a XIX, e o imperialismo econômico e sociocultural norte-americano.

A escola é fundamental para se descobrir a razão de ser das coisas. Segundo Freire (1999), não existe nenhuma prática que não tenha explícita ou implícita uma teoria, um estudo sistematizado. Ao tempo em que classifica o modelo atual como tradicional e mercadológico, Freire (1999, p. 23) diz que “[...] vivemos hoje em uma sociedade dominada pelo interesse a algum tipo de lucro, ao mesmo tempo, ao lado da insegurança e do medo”. E, parece inevitável se esquivar desse processo. Concomitante a isto, a força propulsora desse desenvolvimento a todo custo é também causadora de uma alienação sem precedentes das relações interpessoais.

O mundo era outro e há tão pouco tempo. Toda atual sociedade se desumaniza perante nossos olhos, de forma categórica e egocêntrica. O não-contato pessoal e o não-falar se tornam a regra e os elementos básicos que fazem do animal um ser humano, como a comunicação e o ensino, passaram a ser desenvolvidos de uma maneira excludente, maquinária e nepotista, onde o autodidatismo é supervalorizado e a aprendizagem apresenta a sua cruel configuração: o saber está diretamente veiculado ao poder e é apenas para isso que serve (Florêncio & Santos, 2020, s/p).

Assim, a instrução passa a ser moeda de troca na manutenção do poder. Amparados em Bauman (2000, p. 17), podemos dizer que a sociedade não tem percebido a própria desintegração enquanto resultado da nova técnica de poder, “[...] que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga”. Um novo tipo de escravidão se agiganta na era em que vivemos.

[...] como tendências sem freios, homens e mulheres serem reformulados no padrão da toupeira eletrônica, essa orgulhosa invenção dos tempos pioneiros da cibernética imediatamente aclamada como arauto do porvir: um plugue em castores atarantados na desesperada busca de tomadas a que se ligar (Bauman, 2000, p. 18).

É fato que, para a educação, ficou a responsabilidade de mostrar o destino multifacetado do humano, seja em sua abrangência individual ou em seu contexto sócio-histórico, indissociáveis. Mas, Morin (2003) aponta, em seus estudos mais recentes, uma estreita relação entre inteligência e emoção: a eficiência de ‘uma’ que cada ser humano possui pode ser afetada, diminuída ou destruída pelo déficit da ‘outra’. Então, enquanto a humanidade passar a crer na possibilidade de se eliminar o risco do erro, recalando toda a afetividade, estaremos, no entanto, na contramão do paradigma emergente^[5]. As emoções, como o sentimento de raiva, amizade ou outras paixões, devem estar inseridas em um processo transcendente e a escola, numa visão holística, precisa aprender a experimentar os métodos da racionalidade não limitados à ciência, mas também compreendendo elementos da arte, cultura, sociedades, espíritos e paixões (Morin, 2003); enxergando-nos como seres sociais, aprendendo a aprender, a viver em comunidade e a buscar a realização.

Não se pode culpar os professores pela má estruturação do sistema de ensino oficial, muito menos pela má formação profissional, nuvem escura que embaça o magistério. Existe uma desorganização/ desestruturação institucional em elevado nível nos fatores da burocracia, tanto das questões organizacionais, quanto acadêmicas, que possivelmente vem contribuindo para o cenário negativo do ensino superior no Brasil, consequentemente prejudicando a formação de professores. Neste sentido, Toffler (1980), ao dissertar sobre a ‘segunda onda’ explica o processo de padronização e especialização como característica importante da

revolução industrial e vantajosa para o mercado. Esses processos podem ser vistos na educação universitária ao analisarmos as exigências padronizadas pelos editais de concursos públicos para professores, sempre em busca de profissionais com alto nível de formação e especificidades, muitas vezes, desproporcionais ao cargo ou impossíveis de serem obtidas por profissionais sem o apoio da universidade. Este problema, associado aos recentes cortes na educação, é uma das causas do elevado índice de desemprego de doutores no Brasil^[6]. A negação de valores (sociais e financeiros) para a educação básica também termina por estimular o afastamento dos profissionais especializados (mestres e doutores) das séries iniciais, evoluindo concomitantemente de grau de formação para o nível de ensino.

O BRASIL NÃO TEM POVO, TEM PÚBLICO [7]

Voltando à ficção de Barreto, o autor cria uma cidade fictícia chamada Bruzundanga para retratar a realidade do Brasil do início do século passado, inclusive alguns personagens que aparecem na obra foram inspirados em personalidades políticas da época, segundo Bosi (1994). O texto narra a sociedade dividida em castas e essa segregação aparece claramente descrita pela História da Educação. Sempre houve a educação direcionada para a população em geral, que deveria ser preparada para servir às necessidades da elite, e uma educação destinada às famílias de posses, com preparação para o ensino superior, a ser cursado em uma metrópole europeia.

Um momento particular da história da educação no Brasil que modificou a concepção de ensino e contribuiu com os moldes educacionais inclusive na atualidade, foi o movimento da Escola Nova, que no Brasil foi organizado e divulgado através do Manifesto dos Pioneiros, embora seu surgimento não tenha sido no Brasil, mas foi aqui que ganhou força dentro da educação, nomes como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, teve o apoio e assinatura de pessoas influentes na época como a professora e poetisa Cecília Meireles (Florêncio & Santos, 2020).

Bastante criticado por intelectuais da época, o movimento escolanovista era denominado de liberal, pois promovia a escolarização para inserção no mercado de trabalho. Mas, é preciso considerar o contexto em que foi pensado e as contribuições que proporcionou dentro de uma realidade sem perspectivas para o cidadão de baixa renda no Brasil do início do século XX. Muitos teóricos da atualidade receberam influência desse pensamento que, ao final, deixou um legado importante para a educação. Só a partir da década de 1960, a escola começa a elaborar, com efeito, um programa mais democrático e dialético de ensino-aprendizagem, transformando sobremaneira os cursos de magistério. Era necessário se pensar a educação com foco no estudante, daí surge o ensino baseado no contexto do aprendente.

Foram necessários muitos críticos para ser transpor o modelo escolanovista de ensino e a ideologia da escola redentora. Toffler aborda essa contextualização escola x mercado já em 1980, quando elabora uma análise do período que ele denomina de ‘primeira onda’, onde a principal característica era a presença da agricultura como o ponto fulcral para o desenvolvimento das sociedades, este período é bastante longo; inicia-se em meados do ano 800 a.C. e vai até por volta de 1750 d.C. Após este período ocorreu uma mudança significativa na sociedade: inicia-se a Era Industrial (Toffler, 1980). Este é o período que o autor chama de ‘segunda onda’, com o avanço industrial ao longo dos séculos XIX e XX, principalmente neste último, o setor industrial absorveu grande parte dos trabalhadores que antes atuavam na agricultura, se por um lado a automação tomou o lugar dos trabalhadores, por outro lado houve um crescimento no setor de serviços que acabou absorvendo boa parte dos trabalhadores que ficariam fora do mercado de trabalho devido à automação.

Com o avanço das tecnologias, temos o início da chamada ‘Terceira Onda’. Para Toffler, este período tem início por volta da década de 1950 nos Estados Unidos, com a entrada dos computadores nos negócios e a universalização do rádio e da televisão. As novas tecnologias vão se ampliando e cada vez mais passam a fazer parte da vida das pessoas (Florêncio & Santos, 2020, s/p).

O homem da terceira onda tem que se adaptar a esta nova realidade, neste contexto o computador e a internet tiveram papéis muito importantes, com isto houve um movimento contrário ao da segunda onda,

no qual as pessoas passaram a fazer parte de suas atividades, inclusive laborais dentro de casa, através do uso dos computadores e da internet, o que permitiu dividir melhor o tempo e reduzir gastos com funcionários por exemplo. Nesta fase, a fábrica deixa de ser o centro e a casa volta a ter centralidade, tendo a educação um papel crucial para a consolidação desse desenvolvimento tecnológico. O homem da terceira onda vive com as tecnologias e avanços científicos, porém convive com a miséria e as mazelas sociais (Toffler, 1980).

É imprescindível analisar criticamente como a educação tem apenas acompanhado esses movimentos, muitas vezes, sem ‘inter-agir’ com essa tecnologia, ainda que as tecnologias digitais, por exemplo, afirmem-se como referência do tempo, fazendo-se presentes não apenas na vida cotidiana das pessoas, mas, de forma muito natural, no contexto sociocultural. A escola faz uso das tecnologias digitais, elas são utilizadas cada vez mais dentro das salas de aula tradicionais, assim como as matrículas nos cursos de modalidade a distância crescem exponencialmente. O que nos chama atenção é o fato de a escola acomodar-se com o papel de consumidora e não ter incorporado a função de produtora nesse processo. A tecnologia digital nasce dentro das universidades, mas a educação básica ainda não está preparada para ela, não possibilita ao seu educando intervir, mas apenas conhecer esses processos.

O TRISTE FIM [8] DE UM TRISTE COMEÇO

Autores contemporâneos, ao corroborar os discursos anticapitalistas neste início de século, apontam os problemas do sistema educacional como parte decisiva na condução dessas problemáticas. Com uma explanação muito oportuna a esta questão, Barreto já criticava, em sua obra centenária, o oportunismo que a formação acadêmica pode proporcionar, deixando claro que muitos buscam a educação apenas para a ascensão social: “[...] quando (em geral) vão estudar medicina, não é a medicina que eles pretendem exercer, não é curar, não é ser um grande médico, é ser doutor” (Barreto, 1961, p. 5).

O fato é que enfrentamos um período de comunicação e conhecimentos extremos e imediatos, e isto nos parece unânime e indiscutível, tanto que muitos filósofos da contemporaneidade desenvolvem análises muito aproximadas sobre a realidade. Poucos ousam fazer alguma previsão do próximo passo da humanidade (Florêncio, 2018, s/p).

A grande maioria dos teóricos da contemporaneidade parecem concordar sobre as emergências ocorridas no final do século XX e o radicalismo das mudanças pessoais, profissionais e sociais ocorridas no jovem século XXI. Bauman, por exemplo, avalia a contemporaneidade intensificada pela urgência tecnológica:

A aceleração do ritmo das mudanças, característica dos tempos modernos e em contraste com os séculos anteriores de interminável reiteração e letárgica mudança, permitiu que as pessoas observassem e tivessem a experiência pessoal de que as coisas mudam, que já não são como costumavam ser, no decorrer de uma única existência humana (Bauman, 2011, p. 45).

As revoluções científicas sempre estiveram e estarão presentes em nossa vida. O que nos causa estranheza é a incipiência com que a escola tem participado desses avanços sociais, científicos e humanos, ao demonstrar imensa dificuldade em incorporar a tecnologia digital em seu fazer pedagógico. Mas, mergulhamos a escola no passado.

[...] tem de se estudar a Grécia e Roma antigas, o advento do feudalismo, a Revolução Francesa, etc. A escola é muda acerca do amanhã. A atenção do estudante é orientada pra trás e não para frente. O futuro, já banido da sala de aula, é também banido da sua consciência, como se fosse uma coisa inexistente, como se não houvesse futuro (Toffler, 1970, p. 414-415).

Morin (2003) defende que não se trata de uma ‘transposição’, pois é tão constante, que não há um destino a se chegar, nem ponto de partida, mas um caminho a percorrer. Na pressa hiperativa da sociedade atual, a realidade aparece em via dupla, a tecnologia digital acelera o processo de desenvolvimento e o desenvolvimento acelera as revoluções tecnológicas, em um moto-contínuo complexo e dinâmico, ao qual alguns autores denominam de: pós-modernidade, contemporaneidade, pós-estruturalismo ou ainda

‘paradigma da complexidade’. Bauman (2000) prefere denominar de ‘modernidade líquida’, pois é tudo que nos escapa[9].

Ao se analisar as necessidades criadas pela indústria, mercado e governos em séculos anteriores, a escola deu conta de tudo, possibilitou transformações sociais impensáveis. No entanto, enquanto atendia às necessidades de mercado/estado, a escola mostrava a ponta do iceberg do Paradigma Fabril^[10] (Toffler, 1970) e a ficha preenchida da Educação Bancária^[11] (Freire, 1999).

Assim como no início do século XX, os primeiros anos do século XXI têm sido marcados pelas inúmeras (trans)formações pelas quais a sociedade passa, e a escola está incluída nesse processo. E, nesse contexto de mudanças, surgem alguns movimentos de inovação que edificam o atual sistema da educação brasileira: inovações tecnológicas, vitórias expressivas das classes trabalhistas, democratização da universidade, incluindo os cursos de formação de professores, formação continuada, entre outros. Mas, apesar de alguns avanços, é possível afirmar que atravessamos uma crise ético-política sem precedentes, e, ao tempo em que acreditamos no poder da educação para a transformação que a sociedade necessita, não sabemos como efetivar mudanças significativas sequer dentro da própria escola. Baseando-nos em Freire e Morin, fazemos uma crítica ao papel desempenhado pela escola contemporânea, que tem fechado os olhos à alienação em relação aos preceitos da educação libertadora, democrática, inclusiva, plural. No entanto, sem generalizar ou fornecer diagnósticos conclusivos, pois, como cultura, a sociedade é autoformativa, a escola continua sendo o seu espaço privilegiado de discussões, mudanças e desenvolvimento.

UM EPÍLOGO EM DEFESA DA EDUCAÇÃO

Podemos ponderar as críticas que Barreto faz da sociedade brasileira, por serem evidenciadas pela linguagem satírica do autor e abordar apenas as mazelas e a hipocrisia que permeavam as relações sociais e políticas da época. Mas, ao observarmos alguns aspectos do Brasil contemporâneo, especialmente nas questões socioculturais, identificamos, de maneira incômoda, uma imensa semelhança com o país fictício descrito na obra *Os bruzundangas*, principalmente em relação ao comportamento antiético do seu povo. A perturbadora analogia, passados cem anos, preocupa sobremaneira o campo da educação e cultura, vistos como propulsores do desenvolvimento social.

À luz dos principais teóricos da área, incluindo Toffler (1970, 1980), Freire (1987, 1999), Bauman (2000, 2011) e Morin (2003), podemos comprovar que o sistema educacional, voltado para o passado e alijado do futuro, tem contribuído para manutenção da sociedade e não para a discussão dialética e humanista, que poderiam provocar movimentos de ruptura nas bases de dominação da sociedade, o que poderia favorecer um novo paradigma acerca da situação político-econômica. Outrossim, a perpetuação dos sistemas políticos, econômicos e, por consequência, sociais, não encontram barreiras na escola. O movimento humanista aparece subjugado diante do inflexível aparelhamento do Estado, transposto aqui pelo sistema educacional, que ainda não faz uso competente da tecnologia digital, da capacidade humana disponível nem da riqueza cultural de um país continental e multicultural, como o Brasil.

Oscilando entre o seu papel de mantenedora do sistema social arraigada aos valores capitalistas e coloniais ou construtora de novos caminhos para a sociedade equânime, emancipatória e democrática, a escola brasileira tem direcionado um papel de inclusão democrática, ainda que timidamente, bastante importante para a construção social.

REFERÊNCIAS

- Barreto, L. (1922-1998). *Os Bruzundangas*. São Paulo, SP: Ática.
 Barreto, L. (1961) *Impressões de Leitura: crítica* (2a ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.

- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida* (3a ed., P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno* (2a ed., V. Pereira, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bosi, A. (1994). *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Com crise e cortes na ciência, jovens doutores encaram o desemprego: 'Título não paga aluguel'. (2018). Recuperado de <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/com-crise-e-cortes-na-ciencia-jovens-doutores-encaram-o-desemprego-titulo-nao-paga-aluguel.ghtml>
- Estudos Científicos. (2018). Recuperado de www.estudoscientificos.com.br
- Florêncio, R. R. (2018). Introdução à Análise do Discurso. *Blog Etnolinguagens*. Recuperado de <https://etnolinguagens.webnode.com/l/introducao-a-analise-do-discurso-brevs-consideracoes/>
- Florêncio, R. R. (2015). Interpretação textual a partir de análises isoladas. In C. A. Ataíde, V. S. Gomes, S. M. Almeida, & A. P. Silva (Orgs.), *Ensino de língua, literaturas e outros diálogos possíveis: livro de resumos do VIECLAE* (Vol. 1, p. 397-398). Recife, PE: Pipa Comunicação.
- Florêncio, R. R., & Santos, C. A. B. (2020). A crítica social em Lima Barreto e a modernidade líquida: um lapso de 100 anos. *Revista Intersaberes – UNINTER*, 15(35). Doi: 10.22169
- Freire, P. (1987). *Entrevista* [Reeditado pela Revista Nova Escola]. Editora Abril Cultural.
- Freire, P. (1999). *Pedagogia do oprimido* (33a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Maingueneau, D. (2010). *Novas tendências da análise do discurso*. São Paulo, SP: Scipione.
- Morin, E. (2003). *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (13a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Cortez.
- Toffler, A. (1970). *Choque do futuro* (33a ed., J. Távora, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Cia das Letras.
- Toffler, A. (1980). *A terceira onda*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Viana, A. M. A., & Florêncio, R. R. (2017). Uma visita a Policarpo. *Revista Contexto Educação*, 8(14) 20-22.

NOTAS

- [1] Os Bruzundangas é um romance pré-modernista brasileiro, publicado postumamente, cujos direitos autorais foram vendidos ao editor Jacintho Ribeiro dos Santos em 1917 pelo seu autor, Lima Barreto, em grandes dificuldades financeiras e de saúde. Para este manuscrito, foram utilizados diversos exemplares do livro, incluindo o da Editora L&PM Editores, de 1998, São Paulo.
- [2] O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro e faleceu aos 41 anos (1922), deixando importantes obras da Literatura Pré-modernista Brasileira, entre elas, os romances Triste fim de Policarpo Quaresma e Clara dos Anjos, além de diversos contos, entre os quais se destacam 'A Nova Califórnia' e 'O homem que sabia javanês'.
- [3] Recomenda-se a leitura do texto 'Uma visita a Policarpo' (Viana & Florêncio, 2017).
- [4] Ainda que não concordemos com esta expressão 'Terceiro Mundo', a utilizamos aqui para exercer a crítica referente ao posicionamento político do Brasil enquanto potência mundial, excluída dos processos de tomada de decisões globais.
- [5] Denominamos de emergente pelos dois significados da palavra: pela emergência (no sentido de urgência proporcionada pela tecnologia digital) e por emergirem (no sentido de surgir em processo moto-contínuo das tecnologias), alicerçados pelos estudos de Edgar Morin (2003).
- [6] Com crise... (2018).
- [7] Ao afirmar que "O Brasil não tem povo, tem público", Lima Barreto (1922-1998, p. 5) faz uma apresentação da sua obra, publicada apenas na edição de 1928, seis anos após sua morte.
- [8] O termo 'Triste fim' faz alusão ao título do romance Triste Fim de Policarpo Quaresma, obra-prima de Lima Barreto, lançado em folhetins entre agosto e outubro de 1911, e posteriormente, em 1915, quando foi definitivamente lançado como obra completa pela Editora Typ, Rio de Janeiro.
- [9] O Filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) faz uma analogia ao líquido que está em constante fluidez e, em determinada superfície, escoar para os espaços mais baixos, em incontrolável e infindável movimento de adequação. Segundo o

autor, à liquidez da sociedade soma-se a emergência proporcionada pelo avanço da comunicação e da informação, evidenciado pelo contexto da tecnologia digital.

[10] Em sua célebre analogia entre escola e fábrica, Toffler aponta alguns problemas da educação, na qual a repetição de atos e o cumprimento dos horários de entrada e saída são mais importantes do que a assimilação de algo novo ou a resolução de problemas (Estudos Científicos, 2018).

[11] Freire revitaliza o conceito de educação tecnicista e sem o exercício da criticidade nesta analogia entre a escola e o trabalho burocrático (e meramente lucrativo) das agências bancárias, nas quais o conhecimento parece ser “depositado” no aluno (que nada sabe) pelo professor (detentor do saber).